

Pensando juntos a partir de cada um: Winnicott e seus interlocutores

Thinking together from each one: Winnicott and His Interlocutors

Denise Cabral de Oliveira¹

BEZERRA JUNIOR, Benilton; ORTEGA, Francisco (Org.). *Winnicott e seus interlocutores*. Relume Dumará, 2007, 392p. Resenha de: OLIVEIRA, Denise Cabral de. *Cadernos de Psicanálise – CPRJ*, Rio de Janeiro, ano 30, n. 21, 2008.

Em primeiro lugar, quero introduzir *Winnicott e Seus Interlocutores* como um livro de referência, de extraordinária importância para nós psicanalistas (e, por outro lado, para profissionais e estudiosos das ciências humanas em geral, ao colocar interseções da psicanálise com a reflexão da filosofia sobre a subjetividade). Após lê-lo, tive a certeza de que voltarei a ele sempre que me defrontar com a pesquisa de algum dos autores estudados, ou que desejar descrições das formulações de Winnicott de pontos de vista – de interesses – diversos e ricos. O livro é fruto de um trabalho coletivo, como nos dizem os organizadores, na Introdução, “que vêm sistematicamente examinando as possibilidades de exploração da obra winnicottiana para o enriquecimento da teoria e ampliação do arsenal clínico de que dispomos” (p.15). Nele, 15 pesquisadores (13 psi, um filósofo e um artista) cotejam a

1 Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ.

Cad. Psicanál., CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n.21, p.331-342, 2008

obra de Winnicott com alguns autores fundamentais da filosofia de nosso tempo e com teorias que compõem o pensamento psicanalítico atual: Merleau-Ponty, Daniel Dennett, Whitehead, Nietzsche, William James, John Dewey, Gadamer, Canguilhem, Freud, Melanie Klein, Balint, Lacan, André Green. Do ponto de vista filosófico, a filiação de grande parte dos ensaístas da coletânea compreende autores de correntes diversas da fenomenologia e do pragmatismo, incluindo leituras da psicologia ecológica e holística. Do ponto de vista psicanalítico, há um leque aberto não de filiações propriamente ditas, mas de interesses teóricos e clínicos, com interesse central, neste volume, em Winnicott. Com esta leitura, passamos a ver Winnicott respondendo às questões do indivíduo e da sociedade, como um pensador que quase nunca explicitou suas origens e derivações fora da psicanálise, mas que elaborou, sem dúvida, hipóteses que comungam com todo um espectro de pensamento que busca superar o dualismo e a metafísica do ser, o que gerou uma clínica psicanalítica dinâmica e envolvida com conceitos e uma prática de notável inovação e reflexão. Por outro lado, nos introduzimos ou alargamos nosso conhecimento sobre teóricos e filósofos que desenvolvem pontos de vista do pragmatismo, da fenomenologia, da crítica à metafísica e ao dualismo, das teorias que privilegiam a experiência, o ser no mundo, o processo, permitindo que localizemos a psicanálise winnicottiana num quadro amplo do pensamento atual. E isso, em todos os artigos, numa linguagem formal, densa, mas acessível, agradável, muitas vezes lúdica, como Winnicott apreciaria. O livro permite uma leitura à “escolha” do leitor, pois os artigos são independentes. A nosso ver, seu “uso” torna possível concretizar “o espírito que animou a reunião desses textos: (...) criar um instrumento de que os leitores possam se apropriar para conduzir suas próprias explorações, inventar suas próprias experimentações winnicottianas”. Nesse sentido, *Winnicott e seus Interlocutores* é um livro de consulta, de um lado, na direção de outras interlocuções, a partir de Winnicott, com os mesmos autores ou com outros.

Mas, sem dúvida, o esforço teórico e de pesquisa dos textos é impulsionado e resulta em conclusões e interseções fundamentais dirigidas à prática clínica da psicanálise e, também, das disciplinas que envolvem o cuidado humano e definições de normal, patológico, saúde e doença. Os artigos ou servem de base teórica ou enveredam explicitamente na discussão das formulações de uma clínica presente, definida por uma “ética da responsabilização” ou uma “ética do cuidado”, calcada na definição de um mundo interior que se transforma pelo reconhecimento do desejo e das escolhas defensivas ou no desenvolvimento de uma relação transferencial

de confiança (e resistência, no sentido do “objeto resistente”) que serve de *holding* ambiental ao abandono de certas defesas, pela “aproximação empática de um plano inconsciente da experiência” (Octavio Souza). A interpretação, aqui, age como provisão de cuidado ambiental, ela “não visa à defesa propriamente dita, mas ao sofrimento que lhe dá origem.” (idem). A presença e a palavra do analista são os fatores que “facilitam” a experiência, como coloca Masud Kahn em sua introdução a *Da pediatria à psicanálise*. Estas questões são retomadas, de diferentes pontos de vista, ao longo dos artigos.

Winnicott raramente citou suas fontes e seus interlocutores teóricos. Seu alcance foi além da prática psicanalítica em sentido estrito, alcançando o sentido amplo de práticas sociais do cuidado humano, implicadas nas questões da subjetividade (ele partiu de uma extensa prática pediátrica, do trabalho social com o cuidado psíquico de crianças evacuadas, da preocupação com adolescentes infratores). Frequentemente, seus artigos são locuções para platéias especializadas nesse cuidado, ou “para pessoas comuns que cuidavam dos outros” (M. Kahn) – psicanalistas, pediatras, médicos, assistentes sociais, enfermeiros, educadores, religiosos. Antes de Freud, sua paixão teórica expressa foi Darwin, fonte de seu vitalismo. Como pediatra e psicanalista, sua prática com crianças e adolescentes, e também com adultos com graves dificuldades, gerou uma teoria cujas premissas naturalistas e estilo quase coloquial, como nos dizem os organizadores na Introdução, geraram avaliações negativas, que a julgaram de pouca consistência, excessivamente próxima de uma “psicologia” do desenvolvimento e de uma clínica da adaptação. Essas interlocuções partem de visão contrária a esta, afirmando e comprovando a riqueza e a atualidade do pensamento de Winnicott, e diferentes possibilidades de utilizá-lo, contextualizá-lo, inseri-lo em perspectivas diferentes que envolvem a superação da matriz dualista corpo/mente, interioridade/exterioridade.

Uma primeira questão enfrentada é a do estilo e da escrita de Winnicott, explorada por Rogério Luz, para quem o sentido do texto winnicottiano seria um certo modo de subjetivação, fora do enquadramento conceitual ou perceptivo, num funcionamento teórico da mente como “jogo”. O texto não sistemático, fragmentário e paradoxal, na visão de Luz (a revisão da noção de “paradoxo” em Winnicott já foi feita por Jurandir Freire Costa, cf. *O vestígio e a aura*, p.116-117), é, de fato, abertura para a “experiência do pensamento em processo”, inerente à prática teórica e clínica de Winnicott. Por outro lado, aponta-se a dificuldade, para a formulação teórica, gerada pelo “estilo coloquial” deste autor, assim como do fato dele não enfatizar

a “explicitação das regras do jogo em que está se apoiando”. O esforço bem sucedido de todos os autores deste livro é no sentido da proposta, explicitada por Fania Izhaki, de “trabalhar uma leitura de Winnicott que aprofunde seus pressupostos e noções com o intuito tanto de potencializar a revalorização de seus escritos, quanto de evitar leituras essencialistas, desenvolvimentistas ou ingenuamente realistas de seus textos, bem como o espontaneísmo e as posturas supostamente maternas na clínica”.

Os artigos constroem diversos diálogos e complementaridades possíveis, dentro do quadro da filosofia e da psicanálise que toma o ser humano ao mesmo tempo como constituído e constituinte de seu espaço potencial, formado pela manifestação e expansão de seu organismo potencial (mutável a cada momento) no meio que o acolhe e que ele modifica, a partir de sua ação e criatividade, e que lida com as possíveis dificuldades desse processo, com as quais Winnicott se defrontou em seus textos e em sua clínica. A filosofia ilumina e consolida os conceitos winnicottianos, e estes, por outro lado, esclarecem ou aprofundam noções filosóficas que lidam com as mesmas questões teóricas sobre a “experiência humana”. Como escuta psicanalítica fundada no vitalismo darwiniano, a partir de hipóteses sobre a constituição da subjetividade enquanto vivência corporal e relacional interrelacionadas, em definições do *self* que superam a oposição entre interioridade e exterioridade, Winnicott dá subsídios férteis para o que Jurandir Freire Costa denomina, no texto da orelha do livro, a “virada subjetiva”, que desloca a reflexão sobre a gênese e o funcionamento da subjetividade para um sujeito exteriorizado, corpóreo, dependente do ambiente, todo o tempo constituído e afetado pelo mundo – objetivo e subjetivo – à sua volta, e para um sujeito ativo, criativo.

Todos os artigos, sem exceção, apresentam exposições claras e muito aprofundadas dos conceitos que tecem a abordagem winnicottiana. A partir do estilo e das fontes de cada articulista, esta abordagem é exposta em seus aspectos ontológico, epistemológico e metapsicológico, numa relação “transicional” com conceitos de pensadores da fenomenologia, da filosofia pragmática, da psicologia ecológica e com outros teóricos da psicanálise. Só este aspecto já torna o livro uma viagem fascinante pois, a partir dos textos de Winnicott e de algumas leituras de sua obra (o livro de Adam Phillips, por exemplo, resenhada no último número desta revista, como uma fonte importante), cada autor constrói uma tessitura própria da dinâmica genética e processual da subjetividade em Winnicott, e de sua inserção no pensamento contemporâneo. Da hipótese vitalista e da continuidade entre “natureza” e “cultura”, passamos pelos conceitos que dão conta dos pri-

mórdios e processos fundamentais da vida psíquica e da constituição do *self* e do ego, das possibilidades da ação e da reação em meio ao ambiente, da constituição do espaço transicional e do objeto subjetivo, da localização da experiência cultural (superando a polaridade dentro/fora), das possibilidades do espaço psicanalítico enquanto “ambiente facilitador” (ou intrusivo) da recuperação da “saúde” (conceito também explorado).

Benilton Bezerra toma Merleau-Ponty como o filósofo da “virada corporal” na fenomenologia, que tematiza a experiência humana como enraizada na experiência primária, pré-reflexiva, fundadora da experiência de interioridade e de realidade externa, e como “abertura para o mundo”. Os conceitos de reversibilidade (entre sujeito e objeto) e de quiasma (imagem que procura descrever como se pode dar a superposição, identidade e, também, a diversidade das polaridades da experiência subjetiva) são considerados por suas afinidades com a abordagem winnicottiana, ao pontuarem a continuidade entre a exterioridade e a interioridade (espaço potencial e transicionalidade), a importância da relação primordial do ser vivo com o mundo, a ênfase no pré-subjetivo, pela imbricação entre matéria, vida e significação, a indissolubilidade entre vida psíquica e experiência corporal (o psicossoma de Winnicott e o corpo-sujeito de Merleau-Ponty), sendo esta tomada como fonte da experiência de si e do mundo.

Avançando nesta direção, Cláudia Passos Ferreira, Francisco Ortega e Pedro Salem consideram os conceitos winnicottianos cotejados aos conceitos da filosofia pragmática de Dennett, William James e John Dewey. Cláudia inclui Dennett e Winnicott na “*démarche* ecológica do desenvolvimento emocional”, dando conta da existência externalizada do *self*. A “heterofenomenologia” de Dennett significa o abandono das posições essencialistas clássicas, e sua concepção naturalista da mente (que resulta da interação corpo-ambiente) – desenvolvida também por outros filósofos e psicólogos articulados no texto – equivale aos pressupostos de Winnicott. Cláudia expõe o que denomina o “psiquismo tridimensional” de Winnicott, formado pelas perspectivas interna (representações imagéticas e idéias memorizadas, o passado da ação efetivada), externa (os atos sensório-motores intencionalmente dirigidos ao objeto) e transicional, que se manifestam pela ação corpórea, ao se exteriorizar no ambiente, fundamentando, assim, o *self* exteriorizado também tomado pelo pragmatismo. É discutida a questão da constituição do *self*, quando a capacidade de extrusão do mental e a aquisição da fala antecedem o “monólogo interior”. Ao final, Cláudia utiliza Winnicott para discordar de Dennett sobre a ancoragem do *self* ficcional das narrativas autobiográficas em *selves* reais (e essa é uma

questão para a clínica), considerando que o *self* narrativo relaciona-se diretamente à experiência do “*self* mínimo” com pessoas e objetos e também à capacidade de experimentar o “sentimento de continuidade do eu”, não sendo apenas um aspecto da identidade da pessoa mas uma aquisição do desenvolvimento psicológico, em continuidade com o “*self* mínimo”. A extensão temporal do *self* narrativo representa uma parte dos processos de externalização que constituem o *self*, que se soma à expansão no espaço externo da intencionalidade corporal.

Francisco Ortega analisa os conceitos de “continuidade” e “*self*” em Winnicott e William James, num belo ensaio em que a teoria deste último autor é explanada em várias de suas nuances (por exemplo, em seu “dualismo *pro forma*” para contentar os associacionistas, sem importância face a seu empirismo radical). A teoria de Winnicott é definida ao tomar como ponto de partida do sujeito a “totalidade” (como no *Mitsein*, ser-com, de Heidegger), que o indivíduo tenta recuperar em sua ação (cuja base é o sentimento de continuidade). Além disso, é tomada como teoria naturalista, incluída no pragmatismo e na filosofia da vida. Adotando o modelo darwiniano, é teoria da ação criativa, do sujeito enquanto agente sobre a resistência do ambiente. Em ambos autores, a continuidade transcende a existência individual. Como Bergson e Merleau-Ponty, ambos compreendem a percepção como forma de ação e como processo criativo. A percepção e a cognição não precedem a ação, mas constituem fases dela, e a corporeidade é elemento fundamental da intencionalidade da ação. O *self* é, assim, o ser ativo/criativo, cuja existência é corporal. Sua experiência (nos dois autores cotejados, e em Dewey) é uma experiência sempre relacional, transicional, no sentido de Winnicott. Ortega julga que “a comparação e o confronto das noções de continuidade, corpo e *self* na obra de Winnicott e William James podem vir a constituir uma contribuição para a tarefa de redescrição da experiência subjetiva e da ação humana mais coerente com as transformações socioculturais da contemporaneidade, e em especial com a centralidade do corpo na descrição e avaliação da experiência subjetiva, o que possui enorme relevância tanto epistemológica como ético-cultural e clínica”. Finalidade teórica, ética e pragmática, mais uma vez, presentes ao longo de todas estas interlocuções.

Pedro Salem analisa a relação da noção (primária) de confiança em Winnicott, central em sua metapsicologia, aos conceitos de hábito em James, Merleau-Ponty e, sobretudo, Dewey. Estuda o movimento de gestação e reprodução da confiança, e sua relação com a criatividade. Da mesma forma, o conceito de hábito é ingrediente da conceituação de um sujeito

ativo, sendo a força conservadora que permite novos padrões e princípios da ação transformadora sobre o mundo. Como em Winnicott, a dinâmica dos dois fatores é complementar. Mais uma vez, a ressonância clínica faz-se presente, no sentido da importância do ambiente “confiável” como *holding* para a ação criativa do sujeito.

A leitura de Whitehead feita por Fania Izhaki visou o aprofundamento do estudo de Winnicott, tomando este filósofo como um “precursor” da consideração do *self* constituído na ação do e no meio ambiente. Propõe-se ao que nos introduz como uma “leitura coligada”, tal como sugerida por Richard Rorty, “para quem a coligação de textos ainda não relacionados funciona como um ‘paradigma de imaginação’ que aponta para o novo.” Fania explicita sua preocupação com a inventividade da clínica, “dentro de uma ‘legalidade aberta’ que gera ‘possibilidades de ação’”. A expansão da teoria vai, então, embasar o ato clínico criativo, no sentido de estar localizado no espaço transicional onde o objeto é criado, onde o “brincar” possibilita a exploração de novas conformações do *self*. Nesse sentido, a prioridade ao meio ambiente é o dado inicial da filiação de Winnicott a Whitehead, derivada de Darwin e, também, de William James. Essa leitura relacional de meio ambiente e *self*, que rompe a diferenciação dentro/fora, mente/corpo, leva Fania a explorar os conceitos de *self* e ego em Winnicott, sua constituição subjetiva associada à sua experiência no mundo, cotejando-os às formulações de Whitehead, em seu pressuposto relacional.

O encontro fictício imaginado por Alexandre Jordão entre Nietzsche e Winnicott parte da “celebração da vida” em ambos autores, enquanto “agenciamento de potencialidades e espaço de criação”, cujo protótipo privilegiado é “a criança que brinca”. A conversa imaginária, que se desenvolve de maneira deliciosa, acompanha conceitos nietzscheanos centrais, como os de ressentimento, “além-homem” (ou super-homem), ação e reação, em sua crítica das categorias metafísicas e apriorísticas. Em seguida, faz Winnicott iluminar a gênese e a reprodução do ser ressentido e reativo de uma pessoa, em sua dependência do ambiente desde o nascimento, cotejando uma visão do desenvolvimento emocional em direção à maturidade com a análise de Nietzsche, que não concordaria com o vitalismo do psicanalista. A função da agressividade/motilidade e a origem e função da criatividade encontram ecos em Nietzsche, e são discutidos seus impedimentos e dificuldades. A dinâmica do falso e verdadeiro *self*, a cristalização e superdimensionamento do falso *self*, assim como uma noção winnicottiana de conflito psíquico, são discutidas em relação aos “quatro

grandes erros” apontados por Nietzsche na humanidade, que Jordão não localiza nas formulações dinâmicas de Winnicott.

A interlocução com a própria psicanálise é abordada por Carlos Alberto Plastino em sua vertente epistemológica, quando parte da “filiação freudiana” da teoria winnicottiana para expor os conceitos específicos desta enquanto incluídos no campo teórico inaugurado pela última parte da obra freudiana, que ele define como a do “primado da afetividade”, em contraposição ao momento anterior, limitado pelo “paradigma moderno do conhecimento”, no seio do qual Freud fundou a psicanálise. Como este, os demais artigos que promovem a interlocução de Winnicott com outros pensadores da psicanálise são de grande riqueza teórica e criatividade, e derivam de reflexões clínicas densas. A teoria de Melanie Klein é cotejada a partir de referências pragmáticas explícitas, entre outras. Julia Coutinho Costa Lima traça um percurso da noção de interioridade, central na conceituação do objeto da psicanálise, o inconsciente. Entre as diferentes concepções de interioridade “como fonte de encantamento”, “como fonte de liberdade”, “como fonte da verdadeira identidade dos indivíduos”, a autora localiza os conceitos kleinianos que privilegiam uma dinâmica fantasmática relativamente autárquica, referida à dinâmica pulsional, “interna”, em face do desenvolvimento da teoria relacional winnicottiana. Em seguida, analisa a contribuição das diferentes maneiras de descrever a interioridade e a externalidade por Klein e Winnicott para o entendimento das “construções subjetivas contemporâneas”, caracterizadas pela ascendência do corpo como matriz fundamental das identidades e pela perda de importância do conflito. Sua reflexão leva à conclusão da importância da “noção winnicottiana do ambiente como parte dos sujeitos, que envolve a concepção do espaço transicional” e a “re-localização das fontes de ontologia de si e encantamento na externalidade do espaço transicional”, por conterem uma “compreensão mais positiva das modificações recentes nos modos de constituição da identidade”. Por outro lado, a idéia de continuidade da existência traz uma noção de conflito diversa daquele gerado pela interdição e pelo recalque, podendo iluminar as possibilidades da psicanálise diante do apagamento da importância subjetiva do “conflito interior”. Sem dúvida, tais conclusões incitam a novas articulações e desenvolvimentos de pesquisa teórica e clínica.

No artigo de Nathália S. Armony é traçada uma comparação entre os conceitos de Balint e Winnicott, contemporâneos, em suas diferenças e aproximações, a partir de observações feitas diretamente ao primeiro pelo segundo. “Apesar de trabalharmos de ângulos completamente diversos”,

diz este, “e embora eu ache que nos influenciemos mutuamente, estamos ambos interessados na provisão inicial do ambiente. Penso que concordamos quanto ao que ocorre quando há um fracasso”. O amor primário e a “mistura harmoniosa” de Balint são contrapostos por Winnicott à indistinção entre *self* e ambiente no momento de “não integração” vivenciado pelo bebê, progressivamente transformada no sentimento de continuidade da existência constituído pela sustentação e pela resistência do ambiente ao eu nascente. Os originais conceitos balintianos de ocnofilia e filobatismo são analisados pela autora e contrapostos à sua redescritção por Winnicott, em termos da dinâmica da dependência e separação e das angústias decorrentes, como constitutivos do processo de maturação. A continuidade de ser e a tarefa de separação entre eu e “não eu” são elementos permanentes da subjetividade.

Lacan e André Green são colocados em diálogo com Winnicott em dois artigos que perpassam conceitos fundamentais da obra destes teóricos. Perla Klautau analisa o conceito lacaniano de objeto *a*, cuja criação, segundo a autora, é fruto de uma longa interlocução que Lacan estabelece com Winnicott, a partir de sua leitura de *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. A constituição da subjetividade, nos dois autores, baseia-se na área de interseção formada pela superposição de duas áreas de brincadeira, em Winnicott, equivalente à sobreposição resultante do recobrimento de duas faltas, em Lacan. A autora localiza dois nomes diferentes para definir a mesma área, o espaço *potencial* em que o objeto transicional é produzido, numa formulação, e o objeto *a*, em Lacan. Dessa forma, apesar das diferentes valorizações da continuidade ou da falta, ela acredita na importância dessas duas direções convergentes na renovação da teoria psicanalítica. Luiz Cláudio Figueiredo, em seu artigo, aponta os “atravessamentos” entre as diversas teorizações psicanalíticas, através dos quais, em sua perspectiva, o psicanalista cria e recria a psicanálise. Freud é definido, a partir de Foucault, como “fundador de discursividade”, instalador de um campo discursivo de diferenças possíveis. Figueiredo acompanha a leitura de Green do artigo final de Winnicott sobre os objetos transicionais, relendo, ao mesmo tempo, os passos deste autor na formulação da dinâmica processual da transicionalidade. A noção do trabalho do “negativo”, em Green, no contexto do desenvolvimento normal e sadio e em sua modalidade patológica, ecoa as negatividades presentes no objeto transicional: “a possessão não-eu é um não-objeto interno e um não-objeto externo” e a tolerância ao caráter híbrido dos fenômenos e objetos transicionais é uma tolerância ao negativo. O diálogo entre Green e Winnicott é concretizado

no relato do caso clínico de uma ex-paciente do segundo analisada pelo primeiro (após a morte de Winnicott), que permite ao articulista tecer as aproximações e os distanciamentos entre as formulações destes autores e de outros, em que encontra ressonâncias.

Octavio Souza analisa as noções de defesa e criatividade em Melanie Klein, Lacan e Winnicott, concebendo as conseqüências teórico-clínicas de cada perspectiva. A diferenciação ou oscilação da noção de defesa quando pensada em relação à pulsão (ou ao desejo) ou ao trauma (que contém a alteridade como agente ativo), é analisada em várias acepções e soluções teóricas (Freud, Lacan, Laplanche, Fereczi, Klein, Balint, Winnicott). As diferentes concepções de “ligação” (referente à constituição do ego e também à condição de expressividade do inconsciente, em Freud), de um lado, e de trauma e defesa, de outro, delineiam três subgrupos (lacanianos, kleiniano/bionianos, winnicottianos) que Souza analisa com esmerado detalhamento conceitual. Posições teóricas que privilegiam “estrutura” ou “processo” (e aqui se insere Winnicott) geram atitudes clínicas que são delineadas à medida que o articulista expõe as diferentes metapsicologias. Dessa análise, ele deriva sua formulação das duas éticas presentes na clínica, a ética da responsabilização (presente, em estado “puro”, teórico, nas vertentes teóricas lacanianas e kleinianas), que privilegia a prática interpretativa “que busca fazer com que o sujeito reconheça o desejo que se diz em suas formações inconscientes”, e a ética do cuidado, que privilegia o desenvolvimento de uma relação transferencial de confiança, que pode possibilitar que o emprego de certas defesas se torne desnecessário. A noção winnicottiana de criatividade primária, em sua relação com o ambiente e com a criação do espaço potencial, é vista como deslocamento importante na concepção psicanalítica de defesa, pois dela deriva a concepção de um *self* ecológico, que suplanta a visão dualista dentro/fora e abre caminho para a formulação clínica de uma “interpretação do meio”, que tem valor de provisão ambiental, de “aproximação empática do sofrimento”, para além do plano do reconhecimento. Entre essas duas éticas, a partir da compreensão de sua propriedade e de suas conseqüências, está a ética do psicanalista.

Finalmente, Winnicott é colocado em interlocução com dois filósofos na consideração da definição de saúde e doença. José Fernando Pontes Soares Neto utiliza-se da contraposição entre Gadamer e Winnicott para discutir a dimensão da subjetividade enquanto autônoma ou constituída e constituinte da experiência cultural partilhada. “Pode a saúde ser uma questão de experiência individual?”, pergunta o articulista, ecoando o que ele denomina a questão pós-moderna da crença individual. Gadamer e

Winnicott têm respostas opostas a essa questão. O primeiro acaba privilegiando um estatuto subjetivo “supostamente enigmático e inapreensível” em sua idéia de saúde. Para Pontes Soares, essa concepção “deixa o campo vulnerável à expansão cada vez maior dos fenômenos que são considerados patológicos, pois só eles são considerados concretos e “objetificáveis”. Em Winnicott, ele encontra uma formulação que estabelece o espaço partilhado da espontaneidade e da criação. “Saúde” é ter a liberdade de viver as próprias experiências nesse espaço, e ser responsável por elas. O processo de integração, o sentimento de continuidade, a autopercepção individual como singular, porém integrada em um universo de sentidos compartilhados de uma tradição, são algumas noções, entre outras, em que Winnicott contribui para “critérios estendidos de saúde emergentes de uma rede discursiva que valoriza o peso do social e do científico na cultura, mas que não subestima os requintes vivenciais especificamente humanos de flexibilidade e liberdade, variabilidade e busca de satisfação.”

Carlos Eduardo Estellita Lins tece um diálogo entre Canguilhem e Winnicott, em torno da análise do primeiro sobre os conceitos de normal e patológico e as noções (ou experiências) de saúde e doença, exploradas pelo segundo. Para Lins, Winnicott, a seu modo, repete Canguilhem. Este aborda o desenvolvimento das noções de saúde e doença na ciência, com as definições de normal e patológico em sua continuidade, e a constituição da metapsicologia nos moldes da medicina experimental que adotava esta abordagem. Seu conceito de normatividade vital, que tenta descrever o processo por meio do qual a doença pode criar um novo estado de equilíbrio, permitir uma adaptação “ativa e feliz”, construir novas normas vitais, é encontrado em Winnicott (“Saúde é sobretudo poder ficar doente”). O articulista acompanha a evolução epistemológica da consideração da criança na clínica psicanalítica, desde Freud, apontando como a formulação do espaço transicional representou uma “solução engenhosa” para a polêmica em torno da constituição psíquica, incluindo as questões de saúde e doença na prática psicanalítica. “O problema da consciência de uma norma que provém do sujeito ou da vida desenvolve-se com a gênese subjetiva transicional”. Winnicott tem uma teoria da maturação e não evitou, assim, os problemas tradicionais das ciências da vida, entre os quais os de patologia e norma, integração, não-integração, desintegração, adaptação. Em Freud, a ausência de patologia seria indicativa de saúde. Winnicott busca outro critério, que seria a vigência e a resiliência de certas capacidades e qualidades (tais como liberdade dentro da personalidade, capacidade para ter confiança e esperança, sentimento de ser real, de sentido da existência etc.).

Ele tem uma atitude holista sobre a saúde e suas conexões com o bem-estar social e individual. A partir dessa visão, valoriza a importância da experiência da doença (e da vivência do tratamento) para os próprios médicos e psicanalistas, pacientes e agentes do cuidado. A clínica psicanalítica que é construída a partir de seus conceitos estende o conceito de *holding*, ligada ao processo maturacional em que o psiquessoma vivencia sua integração e sua possibilidade de não-integração.

O amplo escopo e a densidade desta coletânea demonstram, através de seus autores, o vigor da psicanálise brasileira que se nutre na pesquisa e na troca acadêmicas, que incluem a reflexão teórica e ética sobre a clínica. Ela cumpre seu objetivo de expor o resultado das variadas interlocuções pesquisadas. A partir dos aprofundamentos possibilitados pelos conceitos do pragmatismo, da fenomenologia e das correntes filosóficas afins, de um lado, e pela “integração” de conceitos psicanalíticos de várias filiações, fica demonstrada a fertilidade do pensamento de Winnicott para a clínica psicanalítica viva e criativa. *Last, but not least*, esta coletânea nos incita a ver nosso trabalho e nosso lugar social de psicanalistas como espaço potencial de cuidado, de reflexão e de descoberta permanentes.